

A ANGÚSTIA À LUZ DO INFAMILIAR (DAS UNHEIMLICHE): NOTAS SOBRE MULHOLLAND DRIVE, DE DAVID LYNCH

Autor(a): Catarina Miranda de Barros ¹
Orientador(a): Ingrid de Mello Vorsatz ²

Resumo

O presente trabalho tem como proposta investigar a relação entre a angústia e o fenômeno do infamiliar (Das Unheimliche), ambos problematizados por Sigmund Freud, criador da psicanálise, e, bem como, articular ambas as questões através de uma análise do filme Mulholland Drive (Cidade dos sonhos, 2001), do diretor estadunidense David Lynch, conhecido pelo seu cinema perturbador. Na fundamentação teórica do trabalho foi realizado um levantamento e uma revisão bibliográficos sobre o conceito de angústia na obra freudiana, discutindo o problema nos dois momentos da teoria da angústia, a saber, nos artigos publicados em 1917 e 1926. De outra parte, buscamos realizar uma análise aprofundada acerca do ensaio intitulado Das Unheimliche (1919), no qual Freud discute o fenômeno do infamiliar – que mantém uma íntima relação com a angústia. Por fim, a partir da articulação teórica realizada entre os fenômenos da angústia e do infamiliar (das Unheimliche), propusemos uma análise acerca do filme Mulholland drive de acordo com a qual, o enredo do filme apresenta situações relativas a este fenômeno clínico, o infamiliar, recorrendo a uma obra de ficção – cinematográfica – de modo a subsidiar à discussão proposta na monografia. No laço social contemporâneo, a angústia tem um lugar de destaque no que diz respeito ao adoecimento psíquico. Entretanto, em virtude do discurso biomédico e dos respectivos diagnósticos psicopatológicos, esta costuma aparecer sob a denominação de “ansiedade” e, ainda, “síndrome do pânico”. O fenômeno clínico da angústia não é sem importância na psicanálise e a preocupação freudiana em compreendê-lo permeia os diferentes momentos da sua obra, pois, a partir da clínica, encontrou este afeto (Affekt) na base do sofrimento neurótico. Ao

¹ Aluno(a) do curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

² Professor(a) do curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

realizar o percurso pelos principais pontos na teoria da angústia freudiana, foi possível demarcar dois momentos principais, sendo o primeiro em 1917, no qual é teorizada como forma de afeto e o recalque é abordado como a sua causa; e em um segundo momento, em 1926, quando este afeto é o sinal de alarme perante uma situação de perigo e, portanto, promotor do recalque. O infamiliar, fenômeno do domínio da estética, é definido por Freud como aquilo que “suscita horror e angústia” (1919/2020, p. 29); a experiência do infamiliar ocorre por a mesma remeter-se ao recalque, representando aquilo que deveria permanecer oculto, mas que veio à tona. O ensaio *Das Unheimliche* foi publicado entre a primeira e a segunda teoria freudiana da angústia. Neste, Freud faz uma extensa análise linguística do termo alemão, destacando o seu sentido antitético. Todavia, Freud, neste artigo, dedica especial atenção à literatura fantástica. É o conto *O Homem da areia* (1816), de E.T. A. Hoffmann, que recebe do autor uma análise pormenorizada como obra que produz o sentimento do infamiliar. Além disso, Freud cita variados exemplos de acordo com os quais o sentimento de infamiliaridade surge em situações cotidianas. A partir de sua investigação, Freud obtém o entendimento de que o infamiliar não assusta e causa estranhamento pelo fato de ser estranho, ele assusta devido a seu aspecto familiar e conhecido, embora recalcado. Freud empenhou-se em distinguir a angústia e o infamiliar. Entretanto, é da primeira teoria da angústia que o infamiliar se nutre. Se o fenômeno clínico da angústia provém do recalque, há um grupo, em especial, o infamiliar, que produz, dentre outras sensações e sentimentos, a angústia a partir do retorno do recalcado. Desse modo, o infamiliar é um caso específico da angústia; ele surge como resultado de uma experiência que traz à tona complexos ou crenças infantis recalçadas. Outro ponto a ser destacado é o fato de Freud sinalizar que *das Unheimliche* faz parte do domínio da estética, definida por Freud como “a doutrina das qualidades do nosso sentir” (1919/2020, p. 29). Desse modo, o infamiliar produz efeitos em termos de sensação, sentimento e impressão. Assim, a estética não trata apenas do belo e da harmonia, mas também daquilo que “suscita angústia e horror (p. 29)”. O ensaio freudiano apresenta uma espécie de “estética negativa”, oposta àquilo que seria agradável e, devido a isto, traz consigo um dos valores essenciais da arte: tirar o sujeito de seu eixo habitual, mobilizando-o. É nesse sentido que utilizamos a obra cinematográfica *Mulholland drive*, de David Lynch, conhecido por sua estética perturbadora e, por vezes, desagradável, para dar contornos à discussão proposta. Abordamos o filme a partir da problemática referente ao infamiliar, privilegiando a figura do duplo e a repetição, questões exploradas por Freud no artigo *Das Unheimliche* (1919) e promotoras do sentimento de infamiliaridade que estão presentes no referido filme. Assim, o cinema, assim como a literatura, tem força para mobilizar e provocar efeitos da ordem da angústia e do infamiliar ao trazer aquilo que deveria permanecer em segredo, mas que é trazido à luz.